

# 20unicamp

## FILIAR A ANDES A UMA CENTRAL? (QUAL?)

DOIS ARTIGOS RESPONDEM A ESSA QUESTÃO:

- FILIAR A ANDES À CUT. - EDMUNDO, ZAGO e SCHNEIDER
  - HOJE, NEM CUT, NEM CGT. PELA UNIDADE DA ANDES, DO MOVIMENTO DOCENTE E MOVIMENTO SINDICAL.
- HELENA C.L. DE FREITAS

## FILIAR A ANDES À CUT

O debate sobre a filiação da ANDES a uma Central Sindical já é antigo no movimento docente. Conforme o Caderno ANDES nº 5, com o título "A ANDES e a Questão Sindical", desde o Congresso, em 1984 - Piracicaba, essa proposta é apresentada e não decidida, sendo remetida para o Congresso seguinte. Os argumentos, repetidos todos os anos, são:

- i) "Não é o momento. A categoria não discutiu o tema e as bases não estão preparadas para entender e tomar uma decisão";
- ii) "Professor universitário não se considera trabalhador e não vai apoiar essa identificação com o movimento sindical". Um corolário genérico deste raciocínio é: "As lutas das universidades são muito específicas e devem ser encaminhadas dentro dos canais institucionais e acadêmicos". A versão Giannotti deste corolário é: "O baixo clero (meros mestres e recém-doutores) não tem tradição e competência suficiente na pesquisa e quer manter privilégios sindicalizando a Universidade".
- iii) Finalmente, o argumento mais militante é: "Devemos trabalhar para a unificação do movimento sindical e a ANDES tem um papel importante nessa unificação. Filiá-la a qualquer Central aumentará ainda mais a divisão já existente no movimento".

Vamos responder a cada um desses argumentos para, em seguida, apresentar os motivos pelos quais queremos defender no próximo Congresso da ANDES sua filiação à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Argumento i): A relação entre direção e base de qualquer movimento é contraditória. Principalmente naqueles em que não há clareza sobre a própria identidade e seus objetivos principais. As Associações de Docentes (AD's) são uma novidade se considerarmos a história da organização dos setores universitários. A partir da ADUSP, elas surgiram como forma de resistência coletiva da comunidade intelectual ao arbítrio da ditadura. Entretanto, a partir de sua estruturação em todo o país, a face sindical passou a predominar. A razão é simples: a grande maioria das AD's estavam nas universidades federais, a fonte de recursos era a mesma (governo federal) e as condições de trabalho e de salário eram as mais desiguais possíveis. A solidificação da ANDES nas federais não se deu apenas através das conquistas salariais mas, também, pela conquista da isonomia nacional da carreira. Tanto a criação da ANDES (em 1981, aqui em Campinas) quanto a bandeira da isonomia foram na época taxadas de vanguardismo da direção. No entanto, hoje, qualquer docente das federais defenderá ambas com bastante veemência.

Quanto ao problema da identidade do movimento docente (é acadêmico ou sindical), ele não existe. A prática das AD's tem mostrado que ambas as funções podem ser bem desempenhadas e poderemos aprofundar este tema ao tratarmos dos prováveis Sindicatos de Funcionários Públicos, no próximo ano.

Argumento ii): O trabalho do pesquisador universitário tem, claramente, suas especificidades, suas próprias regras, seu próprio ambiente. Como qualquer categoria de trabalhador (intelectual, braçal ou de outro tipo). Isto é indiscutível. O que está colocado em pauta é a remuneração por esse trabalho e, neste ponto, todos os trabalhadores são iguais. Ao pretender usar apenas os canais institucionais, sem a afirmação de uma esfera autônoma de organização dos docentes, esta visão advoga a volta dos professores universitários à condição de apaniguados do poder econômico, que produzem um conhecimento muito específico, para o deleite de muito poucos (é o elitismo à la "Estadão"). Negar o fortalecimento da face sindical do movimento é negar a própria história recente das universidades. Os poucos ganhos em verbas e condições de trabalho acadêmico só foram conseguidos à custa de muita luta e mobilização, tornados possíveis pelo processo de organização sindical. Portanto, esta face fortalece a acadêmica e não é sua corrente.

Argumento iii): O movimento sindical está se polarizando cada vez mais. É inegável. Vamos ver quais são os pólos. A versão oficial é: de um lado, os "radicais" aglutinados na CUT ("dominada" pelo PT) "contra tudo e contra todos". De outro, os "moderados", sempre pela negociação e o bom senso, que infelizmente, tiveram que fazer algumas concessões ao sindicalismo oficial ("pêlegada") para poder criar a CGT. Todos execram a USI, que é uma espécie de Baile da Ilha Fiscal do sindicalismo oficial.

O que a prática tem demonstrado? Hoje, na CGT, até o outrora poderoso Joaquinizão é visto como um perigoso "xiita". O sindicalismo americano corrupto e mafioso investe altas somas no setor capitaneado por Luís Antonio Medeiros e Rogério Magri, que são a direção efetiva da CGT. Em compensação, as respectivas categorias já estão dando seu julgamento a essas direções, destituindo-os (ver Metalúrgicos, do Rio de Janeiro). A CUT superou muitos problemas internos de organização e, hoje, em seus estatutos, garante representação para todas as visões existentes no seu meio, proporcional às votações obtidas nos Fóruns máximos decisórios. Isto significa que membros do partido A ou B, participantes desta ou daquela corrente, podem ascender à direção da CUT, desde que tenham adquirido representatividade no movimento, expressa pelos participantes dos Congressos, nos vários níveis.

Além disso, a estratégia cutista da organização autônoma do movimento sindical, não respondendo aos falsos acenos de "pacto social", "acordo nacional", etc., foi de importância fundamental para evitar um pretenso acordo político-social que se tornaria um arrocho salarial ainda mais intenso que o vigente. Quanto à unidade do movimento, nossa concepção entende que ela não deve abranger os defensores do "sindicalismo americano" e não passa, portanto, pela CGT. Aos defensores de uma nova Central Sindical unificadora, podemos dizer que os mecanismos democráticos da CUT permitem, folgadoamente, a absorção de setores combativos minoritários na outra Central, ainda hesitantes. É uma questão de vontade política. Um fortalecimento da CUT, agora, permitirá o definitivo alijamento do sindicalismo comprometido com o poder econômico nacional e internacional.

Por isto e pela organização sindical autônoma do movimento docente, somos por FILIAR A ANDES À CUT.

TAMBÉM ASSINA SUASSUNA

## HOJE, NEM CUT NEM CGT PELA UNIDADE DA ANDES, DO MOVIMENTO DOCENTE E DO MOVIMENTO SINDICAL

Analisar a questão da filiação da entidade máxima dos docentes - a ANDES - a uma central sindical não é tarefa fácil. Essa discussão se arrasta por vários anos no interior dos Congressos da entidade que, a cada vez, decide adiar a decisão para outro Congresso. Se isto acontece é porque o movimento docente tem acompanhado com cuidado o desenvolvimento das lutas nacionais e das lutas que se desenvolvem também nas ADs, no que se constitui a base do movimento docente a nível nacional.

Do nosso ponto de vista a ANDES, enquanto entidade máxima dos docentes universitários, soube conduzir-se de maneira a garantir a unidade dos docentes em torno de questões que hoje são fundamentais para o movimento, para a Universidade e para o país, como a luta contra a Reforma Universitária proposta pelo GERES, a luta contra o arrocho, pelas Diretas em 84 e mais recentemente, participando do FORUM EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO E GRATUITO. Apesar das divergências com relação à forma de encaminhamento dessas lutas e da vacilação em momentos importantes, na defesa da exclusividade das verbas públicas para as escolas públicas, entendemos que a ANDES é das poucas entidades de caráter nacional que tem conseguido trabalhar as divergências por dentro do movimento docente, sem dividir e fragmentar o movimento universitário com falsas divergências que dividem, hoje, a cúpula do movimento sindical.

Há, no entanto, divergências sérias e profundas que colocam, hoje, tanto a CUT como a CGT, debaixo de um fogo cruzado com relação ao que se convencionou chamar de setores "pelegos" e setores "combativos". Passadas 3 Greves gerais e principalmente depois da última, de agosto deste ano, podemos dizer com tranquilidade que temos hoje, tanto no campo da CGT como no campo da CUT, setores atrasados, conservadores e reacionários que travam a luta da classe operária e a luta geral dos trabalhadores, impedindo o avanço do movimento sindical ao fazer acordos e alianças com os patrões abaixo do que o nível de luta e organização da categoria poderiam conseguir.

Entender este quadro é mais do que necessário para que se possa tomar uma decisão que supere uma simples questão de honra em torno de uma ou outra central. Se há setores conservadores e reacionários dentro da CGT e que dominam a estrutura formal da central, essa realidade também pode ser encontrada no interior da CUT, que hoje também leva uma dura luta para consolidar-se enquanto central sindical.

No entanto, não será possível, no curto espaço que temos, aprofundar essa questão de maneira a garantir uma compreensão melhor por parte dos professores que deverão decidir sobre a filiação ou não da ANDES à uma central sindical. Gostaríamos, portanto, de caracterizar nossa posição a respeito do assunto, resumindo-a a dois pontos fundamentais:

- 1º a **necessidade e importância de uma central sindical única** combativa e que aglutine todos os setores em torno das lutas dos trabalhadores;
- 2º a **necessidade de garantir a unidade da ANDES e do movimento docente nacional** na defesa dos interesses democráticos e de um país livre, independente e soberano.

Somos da opinião que uma Central Sindical única é uma exigência histórica da luta da classe operária e dos trabalhadores em defesa de seus interesses e no combate às investidas dos patrões e das classes dominantes que tentam impor o arrocho, a recessão e o retrocesso político a todo custo. Uma central única, enraizada nas bases, que consiga encaminhar as lutas comuns do movimento sindical e que aglutine os trabalhadores independente de suas convicções políticas, ideológicas, partidárias, credos, cor e raça, refletindo o movimento sindical real com suas

contradições, divergências e especificidades. Hoje, o número de sindicatos fora das duas centrais é maior do que o número de sindicatos existentes no país, o que significa dizer que tanto a CUT como a CGT não têm conseguido corresponder às exigências do movimento sindical real e aglutinar, em torno de si, a grande massa de trabalhadores que leva, na base, as lutas sindicais.

A divisão no movimento sindical tem aprofundado esse isolamento em uma conjuntura em que a luta dos trabalhadores está em franco ascenso, em que o número de greves a nível nacional aumenta sensivelmente sem que qualquer das duas centrais consiga responder às exigências colocadas, trabalhando de forma sectária e isolada.



A questão da unidade aparece, nesse contexto, como a questão de fundo e o grande desafio para o movimento sindical em geral e para o movimento docente em particular. Os professores universitários que têm se unido, na prática, aos demais setores dos trabalhadores em defesa não apenas das reivindicações econômicas mas da liberdade e da democracia, como no caso da Anistia e das Diretas 84, necessitam de uma entidade que garanta a unidade na base e na direção do movimento docente.

Além disso, a atual situação por que passa o nosso país coloca a questão da unidade como uma exigência para todas as forças democráticas e progressistas no sentido de barrar o retrocesso, a reação e as forças conservadoras. Senão vejamos. Temos, hoje, na Constituinte, um espaço de luta onde se trava verdadeira guerra entre os setores mais reacionários - UDR, UBE, ABDD e outros - e as forças populares e progressistas que anseiam por um país livre, independente e soberano. Com o avanço dessas forças no que se configurou o CENTRÃO, várias conquistas do movimento popular correm o risco de permanecerem na letra morta, entre elas a estabilidade, as 44 horas, a licença gestante, Diretas em 88, reforma agrária, liberdade partidária, etc.

Para garantir essas e outras conquistas tão duramente conquistadas e constantemente golpeadas, faz-se necessária a união de todos os setores da sociedade - partidos, movimento sindical, movimento popular, - na defesa das liberdades democráticas e contra as investidas da direita e dos militares. A ANDES, que tem conseguido se articular em várias frentes em conjunto com os setores progressistas, cabe envidar todos os esforços no sentido de unir os professores a nível nacional sem projetar, na base, a divisão que hoje se configura a nível da cúpula do movimento sindical. Mais ainda, acreditamos que a ANDES deve participar de todos os foruns das duas centrais - CUT e CGT - trabalhando pela unidade do movimento docente e do movimento sindical na defesa dos interesses dos docentes e dos interesses maiores do país.

Gostaríamos de lembrar também que foi sob este princípio que a atual Diretoria da ADUNICAMP se elegeu, quando colocamos em nosso programa "Acompanhar o movimento sindical, participando de todos os foruns unitários e das duas Centrais - CUT e CGT - trazendo a discussão para o conjunto dos docentes".

Por essas razões, nossa posição é a seguinte: HOJE, A ANDES NÃO DEVE FILIAR-SE NEM À CUT NEM À CGT. PELA UNIDADE DA ANDES, DO MOVIMENTO DOCENTE, E DO MOVIMENTO SINDICAL.

## CONGRESSO DA ANDES

24 a 30 JANEIRO

JUIZ DE FORA

2º Encontro de Docentes das ADs das IES Estaduais - 23 de janeiro 88

Seminário Nacional 23 e 24 Janeiro 88

DEMOCRATIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES